

A pesquisa científica e a psicologia

«La recherche scientifique et la psychologie», in Morère (É.), éd., Des chercheurs français s'interrogent. Orientation et organisation du travail scientifique en France, Toulouse, Privat, coll. «Nouvelle Recherche», no 13, 1957, pp. 173-201. Tradução: Marcio Luiz Miotto (UFSCAR/FAPESP); Revisão: Maria Inez de Souza (UFSCAR/CNPq) e wanderson flor do nascimento (UnB)

As múltiplas psicologias que pretendem descrever o homem dão a impressão de ser tentativas desordenadas. Elas pretendem se construir a partir das estruturas biológicas e reduzem seu objeto de estudo ao corpo ou o deduzem das funções orgânicas; a pesquisa psicológica não é mais que um ramo da fisiologia (ou de um domínio dela): a reflexologia. Ou então elas são reflexivas, introspectivas, fenomenológicas e o homem é puro espírito. Elas estudam as diversidades humanas e descrevem a evolução da criança, as degradações do louco, a estranheza dos primitivos. Ora elas descrevem o elemento, ora pretendem compreender o todo. Às vezes se ocupam exclusivamente com a forma objetiva do comportamento, outras vezes vinculam as ações à vida interior para explicar as condutas, ou ainda pretendem apreender a existência vivida. Algumas deduzem, outras são puramente experimentais e utilizam estruturas matemáticas como forma descritiva. As psicologias diurnas querem explicar a razão da vida do espírito pelos clarões decisivos da inteligência, enquanto as outras visam as inquietantes profundezas da obscuridade interior. Naturalistas, elas traçam os contornos definitivos do homem; humanistas, reconhecem nele algo de inexplicável. Esta complexidade é, talvez, justamente a nossa. Pobre alma (as psicologias que hesitam sobre seus conceitos não sabem sequer nomeá-la), cercada de técnicas, remexida de questões, posta em formulários, traduzida em curvas. Auguste Comte acreditava, com algumas reservas, que a psicologia era uma ciência ilusória, impossível e a menosprezou. Não somos tão ousados. Apesar de tudo, há psicólogos, e que pesquisam.

(Jean Édouard Morère)

Um dos mais finos jalecos brancos¹ da psicologia não desejaria me ver citar uma de suas conversas; faço-o sem ironia, com o único ímpeto de meu espanto; ele perguntava a um novato

¹ Foucault emprega o termo “blouse blanche”: trata-se aqui do *expert*-psicólogo, figura cuja “blouse blanche” o situa, no texto em questão, em algum lugar entre o médico e o experimentador de laboratório. Com a “alma vestida de cândidas proibidades e linho branco – mencionará Foucault adiante – a figura do psicólogo-experimentador é o objeto de ironia que põe o problema inicial do texto, não por acaso intitulado “A Pesquisa Científica” e “a Psicologia”. Tentando manter os contextos da ironia, do lugar não definido do psicólogo e da suspensão das relações entre *expertise* x pesquisa x ciência colocadas no texto, optamos em traduzir “blouse blanche” por “jaleco branco”. Assim como usamos “um dos mais potentes martelos” para falarmos dos juízes ou ainda “um dos mais duros botas pretas” para nos referirmos aos soldados, o uso iconoclasta da expressão em questão parece reforçar a ironia [N. do T e dos R.].

se gostaria de fazer a "psicologia" como o Sr. Pradines e o Sr. Merleau-Ponty, ou a "psicologia científica" como Binet ou outros mais recentes, que sua modéstia não designava. Estou certo de que ele não guardou a lembrança da pergunta, ou melhor, não se recorda de tê-la me feito; ela deve ser para ele cotidiana e evidente, como do professor ao bom aluno: Letras ou Politécnico? Mas como muitas coisas que são evidentes, sua pergunta tocava no essencial e se referia implicitamente a uma das estruturas mais fundamentais da psicologia contemporânea. Que essa clareza venha de um psicólogo me espanta. Mas o paciente trabalho da verdade ocorre sempre à beira do espanto.

Um dos *a priori* históricos da psicologia, em sua forma atual, é essa possibilidade de ser, sob modo de exclusão, científica ou não. Não se pergunta a um físico se ele quer ser cientista ou não, ou a um especialista da fisiologia dos gafanhotos alpinos se ele pretende ou não fazer obra científica. Sem dúvida porque a física em geral e a fisiologia dos gafanhotos alpinos emergem como domínios de pesquisa possível apenas no interior de uma objetividade já científica. Que não me digam, portanto, que o modo de reprodução dos moluscos de água doce pode interessar ao pescador tanto quanto chamar, invocar e reter a atenção, talvez durante uma década, de um naturalista; pois não me perguntavam se eu me interessava por minha alma para assegurar sua felicidade e salvação, ou para explicitar o *Logos*. Não, falavam-me da psicologia, que, em si mesma, pode ser científica ou não. Como o químico que quisera, desde o início, exorcizar a alquimia. Mas é necessário retificar ainda a comparação: a química não se escolhe, de saída, como estranha à alquimia; ela não repousa sobre uma escolha, por seu próprio desenvolvimento ela torna essa escolha irrisória.

Essa possibilidade originária de uma escolha, o que pode significar? Que há uma verdadeira e uma falsa psicologia? Que há uma psicologia que faz o psicólogo e uma psicologia sobre a qual especula o filósofo? Uma psicologia que mede, quantifica e calcula e outra que pensa, reflete e se revela pouco a pouco ao dia da filosofia? Eu não saberia dizer com todo rigor o que entendia meu psicólogo, no fundo de sua alma vestida de cândidas proibidades e linho branco. O que há de certo, é que para ele a psicologia pode ser verdadeira ou falsa antes de começar, a escolha do cálculo ou da especulação se antecipa sobre a psicologia que calcula e a que especula, a pesquisa repousa sobre a opção, o risco e a aposta de uma psicologia científica. Passemos ao limite: em psicologia, a pesquisa não é científica de pleno direito ou, mais exatamente, suas formas concretas não se articulam elas mesmas sobre o horizonte de uma

ciência, que se determinaria em seu próprio movimento como pesquisa; mas é a pesquisa que recusa ou escolhe, de plena vontade, um propósito científico e situa a si mesma sob a constelação da objetividade. O que merece atenção não é tanto o dogmatismo com o qual se define a “verdadeira psicologia”, quanto a desordem e o ceticismo fundamental que põe a questão. Surpreendente biólogo, o que diria: você deseja fazer pesquisa biológica científica ou não? Ora, o psicólogo do qual eu falo é um verdadeiro psicólogo... Um verdadeiro psicólogo que, desde o limiar da psicologia, reconhece que a pesquisa pode ser verdadeira ou falsa, científica ou não, objetiva ou não; que não é a ciência que toma corpo na pesquisa, mas é a pesquisa que, de entrada, opta ou não pela ciência.

O problema da pesquisa em psicologia recebe desse fato mesmo um sentido particular. Não se pode interrogar a pesquisa científica como se interroga tal ou qual outra forma de pesquisa, a partir de sua inserção no desenvolvimento de uma ciência ou as exigências de uma prática: é preciso pedir à psicologia a prestação de contas sobre a escolha de sua racionalidade; é preciso interrogá-la sobre um fundamento no qual já se sabe que não é a objetividade constituída da ciência; é preciso, finalmente, interrogá-la sobre o estatuto de verdade que ela mesma confere à ciência, já que é sua escolha que faz da verdadeira psicologia uma psicologia verdadeira. Resumindo, é necessário à pesquisa a prestação de contas da ciência; trata-se de tomá-la não como uma pesquisa no espaço de uma ciência, mas como o movimento no qual se pesquisa uma ciência.

Temos aqui o ponto onde se amarram os principais paradoxos da pesquisa psicológica, quando tomada no âmbito de suas instituições, de suas formas cotidianas e na dispersão de seus trabalhos.

Há menos de 50 anos a psicologia, sob as espécies de um certificado de graduação, representava a boa consciência positivista e naturalista dos programas filosóficos. E se a consciência é difícil de satisfazer, a boa consciência é fácil de contentar: Biran, Taine e Ribot foram os beneficiários de uma operação que voltava a fazer da psicologia uma filosofia, e a pior que seja, no nível de uma mitologia positivista. Enquanto na rés-do-chão se celebravam esses

ritos funerários, nos quais as universidades de província e importantes velhacos nos conservam ainda a lembrança, trabalhava-se com jaleco branco nos sótãos, no nascimento da psicologia experimental. Binet era dotado de boas intenções, não tinha cadeira de professor de faculdade, mas auxiliares e algumas idéias; sonhando com os grandes chefes de estação de Leipzig e de Wurtzbourg, ele brincava com seu trenzinho psicológico.

Mensurada sob o solo mesmo de suas instituições, a psicologia ocupa agora uma superfície muito mais vasta. O sótão de Binet tornou-se um laboratório de psicologia experimental, seu grupo de estudos recebeu estatuto de instituto universitário, com o qual uma direção poli-cefálica – três professores de medicina, de letras e de ciências – assegura um judicioso ecletismo e uma autonomia rigorosamente proporcional à amplidão das divergências. M. Piéron, um aluno de Binet, foi nomeado ao Collège de France, onde seu mestre não pôde entrar; durante mais de trinta anos, ele ali reinou sobre a fisiologia das sensações e sobre um laboratório de pesquisa experimental no qual *L'Année psychologique* divulgava incansavelmente os resultados.

Quanto à psicologia infantil, a orientação profissional, as pesquisas sobre o desenvolvimento escolar e a pedagogia, que colocaram Binet no céu da imortalidade psicológica, elas foram retomadas e continuadas pelos Srs. Wallon e Piéron, que fundaram em 1927 o Instituto de estudos do trabalho e de orientação profissional, onde se abriu um consultório para crianças, um centro de orientação (que lançou inquéritos sobre a população escolar) e formaram-se orientadores e psicólogos escolares. Finalmente, a psicologia clínica, à qual Binet tinha dado – por conta de sua escala de inteligência – uma forma experimental e métrica, juntou-se à psicologia dos psiquiatras: criaram-se centros de estudos de psicopatologia, nos serviços do Pr. Heuyer para as crianças e em Henri-Rousselle para os adultos, ao que é necessário acrescentar o tradicional centro de estudos da afasia da Salpêtrière. É preciso ainda mencionar os grandes laboratórios de psicologia industrial como os da S.N.C.F., o C.E.R.P.² inteiramente consagrados às pesquisas psicofisiológicas do trabalho.

Costumeiramente, deixamos de lado a atividade de todos os centros de orientação, todos os grupos médico-escolares, e, por razões simétricas e inversas, a atividade de todas as

² CERP (*Centre d'étude et recherches psychotechniques*, Centro de estudo e pesquisas psicotécnicas, criado no pós-guerra e extinto nos anos 70); SNCF (*Société Nationale des Chemins de fer Français*), empresa francesa de viagens, transporte e logística. [N. do T.]

universidades do interior³: esses não são institutos de pesquisa, mas centros de aplicação que devoram o trabalho cotidiano, ou centros de ensino nos quais o sono é também cotidiano.

Não é inútil ter claramente no espírito essa progressiva instauração dos organismos oficiais da pesquisa psicológica. Tomados atualmente em toda sua extensão e complexidade, cada um recebeu estatuto oficial e o apoio das universidades ou dos diferentes ministérios (Saúde pública, Educação nacional, Trabalho). Um único grupo de pesquisa e formação escapa a essa integração, é a Sociedade francesa de psicanálise, ou mais exatamente suas duas metades, desde que a pêra, caso se ouse dizer, foi cortada em duas. Com efeito, de uma maneira assaz paradoxal, a psicanálise só pode se exercer na França por médicos, mas não há um único ensinamento de psicanálise dado na faculdade de medicina; os únicos membros da Sociedade de psicanálise que são titulares de uma cadeira ensinam como professores de psicologia nas faculdades de letras: o que conserva os psicanalistas e seu grupo numa independência total no recrutamento, nos procedimentos de formação e no espírito que eles dão à pesquisa psicanalítica. Quando se considera a importância dos conceitos, o número de temas, a diversidade de idéias experimentais que a psicanálise doou à psicologia desde meio século, não é paradoxal vê-la realizar-se à margem de uma ciência à qual ela deu vida e significação? Mas essa autonomia da psicanálise não está senão numa contradição aparente com as formas oficiais da pesquisa psicológica.

Não se pode esquecer que na França a pesquisa nasceu à margem da psicologia oficial e, se é verdade que agora, na complexidade das estruturas, não se chega mais a fazer a divisão entre o ensinamento oficial, a pesquisa e a aplicação prática; se é verdadeiro que em um organismo como o Instituto de Psicologia se superpõem um ensinamento teórico, um laboratório de pesquisa e uma formação prática, não resta aí menos que a pesquisa científica em psicologia se apresentou a si mesma na origem como protesto contra a ciência oficial e como máquina de guerra contra o ensinamento tradicional. A situação marginal da psicanálise não representa senão um vestígio, ou antes, o signo sempre vivo dessa origem polêmica da pesquisa no domínio da psicologia.

Sem dúvida, há aí um traço que pode caracterizar a situação de toda pesquisa em relação à ciência constituída: fazendo-se sempre contra um ensinamento, às custas de uma objetividade

³ Com a única exceção de Strasburgo. Se nós mencionamos o laboratório de Rennes, não é senão de memória, para restituir-lhe ao esquecimento que ele reclama.

reconhecida, ela retira de um saber muito mais do que o complementa ou o faz caminhar a seu fim; por seu nascimento ao menos, a pesquisa pertence sempre, mais ou menos, às margens de uma heresia da ciência; toda a história da biologia manifestou esse fato e o exaltou até às formas religiosas do anátema. Mas a intenção polêmica da pesquisa em psicologia toma um som particular e carrega uma decisão muito mais grave para o sentido próprio de seu desenvolvimento.

Dado que a psicanálise, desde suas instituições, apresenta ainda a vivo esse caráter ao mesmo tempo marginal e polêmico da pesquisa, transparecido menos claramente nas formas institucionalizadas da psicologia, é dela que emprestaremos um exemplo da maneira como o progresso da pesquisa psicológica se destaca sobre o horizonte constituído da ciência. Em certo sentido, as pesquisas sobre o Inconsciente, sobre seu material, seus processos, suas manifestações, que desde a origem constituem o essencial do trabalho psicanalítico, retomam num estilo experimental o que implicavam de uma maneira obscura todas as psicologias da consciência; a passagem a uma psicologia do inconsciente pode se apresentar logicamente como uma extensão para baixo, um alargamento da psicologia da consciência. A transposição por Freud de uma psicologia da associação, da imagem e do prazer, portanto de uma psicologia da consciência clara para a noite do inconsciente, seria suficiente para prová-lo; poder-se-ia ver nesse alargamento da psicologia nada mais que a dimensão de abertura de uma ciência que, no nível dos pressupostos que são evidentes, retoma-se incessantemente sobre as bordas de sua investigação, desenhando em linhas de sombra as margens da ignorância do saber. De fato, há muito mais nesse direcionamento da pesquisa ao inconsciente; o abandono de uma definição quase exclusiva do objeto e do método psicológicos pela consciência não constitui simplesmente a retomada da ciência em uma investigação mais geral e mais radical. A pesquisa aparece aqui muito mais como uma conduta de desvio, na qual o conhecimento constituído se encontra em curto-circuito e invalidado, em nome de uma redução da ciência a seu objeto por uma defasagem que faz da ciência não mais o horizonte problemático da pesquisa, mas o objeto polêmico de sua investigação.

De uma maneira mais precisa, a descoberta do inconsciente transforma em objeto da psicologia e tematiza em processos psíquicos os métodos, os conceitos e finalmente todo o horizonte científico de uma psicologia da consciência; à luz de suas pesquisas, esta aparece, com efeito, como conduta de defesa contra o inconsciente, como recusa de reconhecer que a vida

consciente é permeada pelas ameaças obscuras da libido; resumindo, ela apareceria como *reflexão censurada*. Essa maneira de situar o conhecimento psicológico em relação à pesquisa, essa retomada crítica como objeto da pesquisa das formas ultrapassadas do saber científico, apresentam o perfil mais agudo do lado polêmico de toda pesquisa em psicologia. As imputações de ligação edipiana ou de fixação narcísica que os psicanalistas lançam entre si são apenas variações cômicas e guerras picrocholinas sobre o tema fundamental: o progresso da pesquisa em psicologia não é um momento no desenvolvimento da ciência; é um desgarramento perpétuo das formas constituídas do saber, sob o duplo aspecto de uma desmistificação que denuncia na ciência um processo psicológico e de uma redução do saber constituído ao objeto que tematiza a pesquisa. A novidade da pesquisa não se inscreve em uma crítica do conteúdo, nem na dialética da ciência onde se realiza o movimento de sua verdade, mas em uma polêmica contra o saber tomado no nível de sua origem, em uma redução primordial da ciência a seu objeto, numa suspeita crítica sobre o conhecimento psicológico.

Pode-se objetar primeiramente que toda a pesquisa psicológica não obedece necessariamente a essa vocação polêmica que aparece tão claramente na psicanálise. Mas, com efeito, o texto que se escreve em letras grossas na história da pesquisa freudiana pode decifrar-se em caracteres mais finos em todo o desenvolvimento da psicologia. Este não se faz, efetivamente, como nas ciências que caminham por retificações sucessivas, conforme uma superação sempre renovada do erro, mas por uma denúncia da ilusão: ilusão da subjetividade⁴, sofismo do elemento⁵, mitologia da terceira pessoa⁶, miragens aristotélicas da essência, da qualidade e do encadeamento causal⁷, pressupostos naturalistas e esquecimento do sentido⁸, obliteração da gênese pela estrutura e da estrutura pela gênese⁹. O movimento pelo qual a pesquisa psicológica avança não valoriza as funções epistemológicas ou históricas do erro científico, pois não há *erro científico* em psicologia, existem somente *ilusões*. A função da pesquisa em psicologia não é, portanto, a de superar o erro, mas trazer à tona as ilusões; não o de fazer progredir a ciência restituindo o erro no elemento universal da verdade, mas de exorcizar o mito aclarando-o pela aurora de uma reflexão desmistificada.

⁴Watson (J.B.), *Psychology from the Standpoint of a Behaviorist*, Londres, J.B. Lippincott, 1919.

⁵Guillaume (P.), *La Psychologie de la forme*, Paris, Flammarion, 1937.

⁶Politzer (G.), *Critique des fondements de la psychologie*, t. I : *La Psychologie et la Psychanalyse*, Paris, Rieder, 1928.

⁷Lewin (K.), *Principles of Topological Psychology*, New York, Mac Graw-Hill, 1935.

⁸*La psychologie d'«inspiration phénoménologique»*.

⁹Piaget (J.), *La Psychologie de l'intelligence*, Paris, A. Colin, no 249, 1947.

Poder-se-ia fazer observar que as pesquisas históricas avançam do mesmo jeito e sobre caminhos paralelos. A superação do erro não se realiza somente como a dialética própria do saber histórico; ela se assegura por uma redução ao movimento do próprio objeto histórico. O historiador renova sua própria história e é atribuindo seus métodos, seus conceitos, seus conhecimentos às estruturas e aos acontecimentos, às formas culturais de sua época que se restitui a história à sua verdade própria. O erro histórico tem também a aparência do mito e o sentido de uma ilusão. Mas quando a ilusão se torna objeto de análise histórica, ela encontra na própria história seu fundamento, sua justificação e finalmente o solo de sua verdade. A crítica histórica se desenvolve em um elemento de positividade, dado que é a história mesma que constitui a origem absoluta e o movimento dialético da história como ciência. Se a ciência histórica progride por desmistificações sucessivas, é também, e em um mesmo movimento, pela tomada progressiva de consciência de sua situação histórica como cultura, de seu valor como técnica, de suas possibilidades de transformação real e da ação concreta sobre a História.

Não há nada disso em psicologia: se é permitido reduzir o erro psicológico a uma ilusão e reconduzir suas formas epistemológicas a condutas psicológicas, não é porque a psicologia encontra na psiquê seu fundamento e sua razão de ser como saber, é somente porque ela encontra obstáculos; a pesquisa histórica não tenta se colocar fora da História, enquanto a pesquisa psicológica deve necessariamente se deixar conduzir pelo mito da exterioridade, do olhar indiferente, do espectador que não participa. O liame da verdade psicológica com suas ilusões só pode ser negativo, sem que se possa jamais reencontrar na dialética própria da psiquê o desenho dos mitos da psicologia. A psicologia não encontra nada na psiquê senão o elemento de sua própria crítica. A *crítica* da história pela História tem o sentido de um *fundamento*; a crítica da psicologia a partir da psiquê não toma forma alguma senão a de uma *negação*. É por isso que a pesquisa histórica, assumindo o curso de uma desmistificação, recebe da história o valor de uma tomada de consciência positiva; a pesquisa psicológica, sob as mesmas espécies da desmistificação, não realiza nada mais do que um exorcismo, uma extradição de demônios. Mas os deuses não estão lá.

É às razões dessa ordem que se deve o estilo tão particular da pesquisa em psicologia: por sua vocação e origem, ela é crítica, negativa e desmistificadora; ela forma o inverso noturno da ciência psicológica que tem por tarefa comprometer; as questões que ela coloca não se inscrevem numa problemática do saber, nem em uma dialética do conhecimento e de seu

objeto, mas numa colocação em dúvida e redução do conhecimento a seu objeto. Portanto, essa origem, com o que comporta de significação, tem sido esquecida ou, sobretudo escondida, pelo fato que a pesquisa, como redução e desmistificação, tornou-se a razão de ser, o conteúdo e o próprio corpo da psicologia, se bem que o conjunto dos conhecimentos psicológicos se justificam por sua própria redução à pesquisa e a pesquisa como crítica e sobrepujamento¹⁰ do conhecimento psicológico se realiza como totalidade da psicologia. É esse processo que tomou corpo nos organismos de pesquisa: nascidos à margem da ciência oficial, desenvolvidos contra ela, são reconhecidos agora como centros de formação e ensinamento. O curso de psicologia teórica não é mais que um rito: aprende-se e se ensina a pesquisa psicológica, isto é, a pesquisa e a crítica da psicologia.

A via do psicólogo aprendiz é por sua vez muito próxima e muito diferente das que devem seguir os outros estudantes.

Muito semelhante no que diz respeito à ineficácia total do ensino distribuído no âmbito tradicional das faculdades e sancionado pelos diversos certificados de graduação. Todo mundo concorda que um licenciado em psicologia não sabe nada e nada pode fazer, dado que preparou todos os seus exames no jardim em duas tardes de verão: consenso tão geral e tão perfeito que se poderia ter o escrúpulo de importuná-lo perguntando para que serve uma graduação em psicologia. Mas, à parte desse traço negativo, mais ou menos comum a todos os ramos do ensino superior, a carreira do estudante psicólogo é bem diferente das outras. O Instituto de psicologia distribui quatro diplomas: psicologia experimental, pedagógica, patológica e aplicada; eles compreendem todos um ensinamento prático (testes, psicometria, estatística), uma formação teórica e estágios ou trabalhos de laboratório; os estudantes do instituto que não passaram pela graduação devem substituí-la por um ano de estudos preparatórios. O Instituto de orientação profissional é completamente independente desse ciclo de estudos universitários: entra-se após um exame, saindo com um diploma de orientador profissional. Quanto ao ensinamento da psicanálise, ele se assegura na França, como em muitos países estrangeiros, de

¹⁰ Trata-se da palavra “*dépassement*”, nas pesquisas históricas adquirindo o sentido de uma “ultrapassagem” ou “superação” positivas, enquanto na psicologia mantém essa forma de negação (N do T).

um modo por sua vez rudimentar e esotérico: o essencial da formação de um psicanalista se garante por uma psicanálise didática na qual respectivamente o princípio e a realização recebem o suporte da Sociedade de psicanálise. Se o título de doutor em medicina é indispensável para empreender curas e se responsabilizar inteiramente por um doente, o pertencimento à Sociedade de psicanálise não exige nenhuma formação determinada, nem a realização de um ciclo de estudos. Somente a Sociedade, com o parecer de seus membros que se ocuparam com o candidato em análise didática, faz-se juiz de seu nível de competência¹¹. Acrescentemos que nem os médicos, nem os professores recebem durante seus estudos qualquer ensinamento de psicologia; os próprios psiquiatras não possuem nenhuma formação psicológica, na medida em que a psiquiatria que se ensina é tão obsoleta que se ignora aproximadamente os últimos cinquenta anos da psicopatologia alemã, inglesa e americana, com todos os esforços feitos para uma compreensão psicológica dos fenômenos da patologia mental.

Assim, são privados de qualquer formação teórica os mesmos chamados a uma prática diária, enquanto a situação é exatamente oposta no domínio da pesquisa propriamente dita. Com efeito, se o INOP¹² concede o título de orientador profissional, se o instituto atribui diplomas de “psicotécnicos”, cada um sabe, tanto os que os dão quanto os que os recebem, que não se abre nenhum mercado real. Muitos orientadores não chegam mesmo a se empregar; os postos de psicólogos escolares são infinitamente pouco numerosos, enquanto se distribuem às dezenas os diplomas de psicopedagogia; e que eu saiba, não existem atualmente na França mais de dez cargos de psicólogos clínicos, enquanto há certamente mais de cento e cinquenta titulares do diploma de psicopatologia. E os professores desculpam a facilidade dos exames pelo fato que, de todo modo, não servem para nada.

Encontra-se aqui uma situação paradoxal: de um lado, a prática real da psicologia - a que se exerce ou deveria se exercer na organização do trabalho, ou nas curas psicoterápicas, ou no ensino - não repousa sobre nenhuma formação teórica e por via de consequência não chega jamais a tomar sentido de pesquisa, nem mesmo a definir as suas exigências precisas em relação à pesquisa científica. Por outro lado, a aquisição de técnicas que podem garantir à psicologia concreta uma segurança prática e uma justificação teórica não oferece acesso a um exercício da

¹¹ A criação de um Instituto de estudos psicanalíticos tem sido, por muito tempo, controverso. Notemos que a recente cisão da Sociedade francesa se produziu sobre o assunto preciso dessa criação, e dos princípios de uma formação analítica. A pedagogia será sempre a cruz da psicanálise.

¹² *Institut National d'Orientation Professionnelle*, Instituto Nacional de Orientação Profissional [N. do T].

psicologia onde prática e pesquisa se encontrariam efetivamente ligadas. Pelo contrário, o psicólogo que, no instituto, recebeu uma formação técnica suficiente para o exercício de um ofício psicológico, mas certamente insuficiente para se tornar um pesquisador, não tem outro recurso, para *praticar* a psicologia, senão pedir uma bolsa ao C.N.R.S. e lançar-se à *pesquisa*. A pesquisa em psicologia não nasce, por conseguinte, das exigências da prática e da necessidade que a prática tem de ultrapassar a si mesma; ela nasce da impossibilidade que se encontram os psicólogos de praticar a psicologia; ela não implica uma formação sofisticada; figura apenas um recurso contra a ineficácia de uma formação inútil, na pior hipótese, de uma prática que não se exerce.

Portanto, não se aborda a pesquisa com uma formação de pesquisador e após a aquisição de um horizonte teórico suficiente¹³; faz-se da pesquisa na prática repelida, para mostrar antes de tudo que a psicologia pode e deve ser praticada, que ela não é prisioneira de um contexto teórico, inútil e duvidoso, mas que fora de qualquer postulado especulativo ela é carregada de uma positividade imediata; e se a pesquisa se inscreve tão freqüentemente num contexto positivista, se ela reclama constantemente para si mesma uma prática real (em oposição à psicologia filosófica), é precisamente na medida em que ela pretende ser a demonstração de uma prática possível. Fazer a "verdadeira psicologia", em oposição às de Pradines e Merleau-Ponty, é pesquisar a eventualidade de uma prática cuja impossibilidade atual fez nascer a "psicologia verdadeira", como pesquisa científica. Por esse motivo a pesquisa em psicologia é ao mesmo tempo a mais desinteressada de todas as formas de pesquisa e a mais pressionada pela necessidade. A mais desinteressada, por quase nunca se determinar como resposta a uma exigência prática (salvo em alguns estudos precisos de psicologia do trabalho); e ao mesmo tempo a mais interessada, visto que a existência da psicologia como ciência e do psicólogo como cientista e prático dependem do desenvolvimento e do sucesso da psicologia como pesquisa científica. *A não-existência de uma prática* autônoma e efetiva da psicologia tornou-se paradoxalmente *a condição de existência de uma pesquisa* positiva, científica e "eficaz" em psicologia.

Assim, a pesquisa toma a medida das suas possibilidades no desdobramento de técnicas que se confirmam umas às outras e se apóiam como a arquitetura imaginária de uma prática

¹³ Não é um dos menores paradoxos dessa situação ver uma formação médica, científica ou mesmo filosófica servir de apoio e garantia para o recrutamento de pesquisadores que querem fazer psicologia positiva.

virtual. O exemplo mais decisivo é a psicomетria e toda a técnica dos testes: as provas psicométricas são desenvolvidas para uma aplicação eventual e sua validação deve sempre repousar, de maneira direta ou indireta, por intermédio de outros testes já validados, sobre uma confrontação com a experiência concreta e os resultados obtidos na situação efetiva; mas esta validação empírica mostra, de saída, que o trabalho de pesquisa apenas empresta sua positividade de uma experiência que não é ainda psicológica, e que as suas possibilidades de aplicação se determinam de antemão por uma prática extra-psicológica que não empresta senão a si mesma seus próprios critérios. A pesquisa psicológica aparece, assim, como o ordenamento *teórico* de uma prática que deve ser independente dela, para que possa então se assegurar de sua validade. As relações da psicologia clínica com a prática médica esgotam-se todas nessa fórmula: trazer a uma prática já constituída aperfeiçoamentos técnicos cuja validade será demonstrada pelo fato que a clínica médica pode perfeitamente chegar sozinha aos mesmos resultados.

Pode-se medir agora as dimensões desse círculo de paradoxos em que se encerra a pesquisa psicológica: ela se desenvolve no espaço deixado vazio pela impossibilidade de uma prática real e não depende dessa prática senão de um modo negativo; mas, por isso mesmo, ela tem razão de ser apenas se é a demonstração da possibilidade desta prática à qual não tem acesso, desdobrando-se por conseguinte sob o signo de uma positividade que ela reivindica: "positividade" que [a pesquisa em psicologia] não pode deter em si mesma nem emprestá-la do solo onde nasce, pois ela nasce da própria ausência da prática, mas é obrigada a requerer, em suas mãos, dessa prática que a exclui e se desenvolve numa indiferença total em relação à psicologia científica. Excluída desde a origem, e em sua existência mesma, de uma prática científica da psicologia, a pesquisa é inteiramente dependente, em sua verdade e desenvolvimento, de uma prática que não se pretende nem científica, nem psicológica. Prática e pesquisa não dependem uma da outra senão sob modo de exclusão; e a psicologia "científica", positiva e prática encontra-se assim reduzida ao papel especulativo, irônico e negativo de dizer a verdade discursiva de uma prática que se passa extremamente bem. A pesquisa não se insere no movimento próprio de um progresso técnico que alcança pouco a pouco a própria luz, ela é o inverso especulativo de uma prática que não reconhece a si própria como psicológica. Ela não pode se apresentar senão como "verdade contra a vontade" de uma prática; ela a desmistifica. Mas, essa verdade, ela não a empresta senão à realidade dessa prática, a partir da qual a

mistifica.

Nas suas relações com a pesquisa, bem como nas suas relações com a ciência, a pesquisa psicológica não manifesta a dialética da verdade; segue apenas os enganos da mistificação.

Para dar conta destes paradoxos, primeiro se é tentado a interrogar um estado de fato histórico, sobretudo uma situação cronológica própria à psicologia. A rigidez das estruturas, o peso das tradições culturais, enfim, a resistência que opõe a organização social à penetração das técnicas psicológicas, seria suficiente para dar conta do isolamento da pesquisa em relação à prática. Certamente, o caráter relativamente recente da psicologia a confere freqüentemente um aspecto problemático, irrisório diante de técnicas que há séculos o tempo não cessou de espessar. Poder-se-ia citar neste sentido a estranha impermeabilidade da medicina à psicologia; sobre o espírito da medicina francesa reina ainda, de uma maneira mais ou menos obscura, a estranha dialética de Babinski: a ignorância do médico, a obscuridade na qual se escondem diante dos olhos os princípios da sua técnica, não denunciam para ele nada mais que a irreabilidade da doença, como se o controle técnico da cura fosse a medida da existência da doença. Ligada a este equívoco entre a técnica de cura e a realidade do fato patológico, encontra-se a idéia de que o patológico se desdobra como a manifestação concreta, como o fenômeno do anormal. O anormal é a essência da doença, cuja terapêutica é a supressão efetiva; como redução da essência do anormal ao processo normal, a técnica de cura constitui a medida indispensável da existência da doença. Resistindo à penetração da psicologia, a medicina atual não se opõe somente a uma retificação dos seus métodos e dos seus conceitos, mas, sobretudo, à tomada em questão do sentido real da doença e do valor absoluto do fato patológico. Não é somente sua técnica, seu ofício e seu pão de cada dia que os médicos defendem, continuando surdos diante da psicologia; aquilo que eles defendem, o que eles protegem a imprescritível essência, é a doença como conjunto de fenômenos patológicos; os médicos defendem a doença como uma *coisa*, como *sua coisa*. Esquivando o problema do anormal, valorizando como instrumentos terapêuticos condutas como a linguagem ou a realização simbólica, a psicologia irrealiza o anormal e "sutiliza" a doença; aos olhos dos médicos e no desenvolvimento histórico da medicina, ela não pode ser, e ela não é efetivamente, mais que um empreendimento *mágico*.

Ela é o inverso do que, há séculos, constituiu a prática médica.

Mas similares fenômenos de atraso e de aderência terminam sempre por desaparecer com o tempo e a maturação das técnicas. Os paradoxos da pesquisa em psicologia têm razões históricas mais profundas do que simples defasagens culturais. Tomemos o exemplo da psicologia do trabalho. Ela se faz essencialmente de problemas de orientação e de seleção profissional por um lado, e por outro, dos problemas da adaptação individual ao posto, ao ofício, ao grupo de trabalho e ao local. Mas é bem evidente que esse conjunto de considerações não pode ter importância e essas questões não podem ter - no sentido estrito do termo - *existência*, senão ao favor e pela graça de certas condições econômicas. Orientação e seleção profissional não têm realidade senão em função da taxa de desemprego e do nível de especialização nos postos de trabalho. Só um regime de pleno emprego, ligado a uma técnica industrial exigindo uma elevada especialização operária (o que até agora é contraditório em nossa economia, onde o pleno emprego repousa sempre sobre a utilização massiva de uma mão-de-obra não especializada), somente esse regime poderia dar lugar a uma prática psicológica vinculada diretamente à pesquisa científica. Fora dessa condição, para nós mítica, orientação e seleção apenas podem ter o sentido de uma discriminação. Quanto às pesquisas relativas à adaptação do indivíduo aos postos de trabalho, elas se ligam, por sua vez, aos problemas econômicos da produção, da superprodução, do valor do tempo de trabalho e do aperfeiçoamento das margens de lucro.

Está aí um traço característico da psicologia? O desenvolvimento de todas as pesquisas e de todas as ciências não se encontra vinculado às condições da vida econômica e social? Qualquer um pode me dizer que a balística ou a física atômica se devem à guerra e acrescentará que ocorre o mesmo para o teste “beta” do exército americano...

Felizmente, o problema é um pouco mais complexo. Pode ser que a ausência de condições econômicas favoráveis torne inútil, em dado momento, a aplicação ou o desenvolvimento de uma ciência. Mas, depois de tudo, mesmo fora de uma economia ou de uma situação de guerra, os corpos continuam a cair e os elétrons a girar. Em psicologia, quando as condições de uma prática racional e científica não são reunidas, é a ciência mesma que se compromete em sua positividade; em período de desemprego e de superprodução, a seleção deixa de ser uma técnica de integração para tornar-se uma técnica de exclusão e discriminação;

em período de crise econômica ou aumento do preço do trabalho, a adaptação do homem ao seu ofício torna-se uma técnica que visa aumentar a rentabilidade da empresa e racionalizar o trabalho humano como puro e simples fator de produção; resumindo, a psicologia deixa de ser uma técnica psicológica para tornar-se uma técnica econômica. O que não quer dizer somente que ela é utilizada para fins econômicos ou motivada por propósitos econômicos, destino esse que é o de todas as ciências aplicadas. Queremos dizer, por exemplo, que a noção de aptidão, tal como utilizada em psicologia industrial, muda de conteúdo e sentido de acordo com o contexto *econômico* no qual se é conduzido a defini-la: essa noção pode significar igualmente bem uma norma cultural de formação, um princípio de discriminação emprestado à escala do rendimento, uma previsão do tempo de aprendizagem, uma estimativa de educabilidade ou finalmente o perfil de uma educação efetivamente recebida. Essas diferentes significações do termo “aptidão” não se constituem tanto em várias maneiras de encarar a mesma realidade psicológica, mas em várias maneiras de conferir um estatuto, no nível da psicologia individual, às necessidades históricas, sociais ou econômicas. Não somente a prática da psicologia se torna instrumento da economia, mas a própria psicologia se torna mitologia em escala humana. Enquanto a física ou a biologia - nas quais desenvolvimento e aplicação se determinam por razões econômicas e sociais - permanecem sendo “física” e “biologia”, as técnicas psicológicas, devido a algumas das suas condições, perdem sua validade, seu sentido e seu fundamento psicológico; elas desaparecem como aplicações da psicologia e a psicologia sob o nome que elas se apresentam não forma mais que a mitologia de sua verdade. As técnicas físicas, químicas ou biológicas são *utilizáveis* e, como a razão, “aplicáveis em todos os sentidos”; mas, por natureza, as técnicas psicológicas são, como o próprio homem, *alienáveis*.

Através dessas reflexões que parecem nos afastar de nosso problema, progredimos gradualmente para essas relações profundas da ciência e da prática psicológicas, determinantes do estilo próprio dessa ordem de pesquisa. É curioso constatar que as aplicações da psicologia jamais procedem de exigências positivas, mas, sobretudo de obstáculos sobre o caminho da prática humana. A psicologia da adaptação do homem ao trabalho nasceu das formas de inadaptação que seguiram o desenvolvimento do taylorismo na América e na Europa. Sabe-se como a psicometria e a medida da inteligência procedem dos trabalhos de Binet sobre o atraso escolar e a debilidade mental; os exemplos da psicanálise e do que se chama agora de “psicologia das profundezas” falam por si mesmos: são inteiramente desenvolvidas no espaço definido pelos sintomas da patologia mental.

É esse um traço especial da pesquisa psicológica? Uma pesquisa não nasce no momento em que uma prática atinge o seu próprio limite e encontra o obstáculo absoluto que a põe em questão em seus princípios e condições de existência? A biologia, como conjunto de investigações sobre a vida, não encontra a sua origem efetiva e a possibilidade concreta do seu desenvolvimento numa interrogação sobre a doença, numa observação do organismo morto? A partir da morte uma ciência da vida é possível, quando bem mesmo se sabe medir toda a distância que separa a anatomia do cadáver da fisiologia do ser vivo. Da mesma maneira, é do ponto de vista do inconsciente que se torna possível uma psicologia da consciência que não seja pura reflexão transcendental, do ponto de vista da perversão uma psicologia do amor é possível sem que seja uma ética; do ponto de vista da estupidez uma psicologia da inteligência pode se constituir sem um recurso pelo menos implícito a uma teoria do saber; é do ponto de vista do sono, do automatismo e do involuntário que se pode fazer uma psicologia do homem desperto e percebendo o mundo, evitando o fechamento numa pura descrição fenomenológica. Sua positividade, a psicologia a empresta das experiências negativas que o homem faz de si mesmo.

Mas, é preciso distinguir a maneira como uma pesquisa nasce a partir de uma ciência ou de uma prática, e a maneira pela qual pesquisa, prática e conhecimento se articulam sobre as condições efetivas da existência humana. Em psicologia, como em todos os outros domínios científicos, a prática não pode se interrogar e nascer como prática senão a partir de seus limites negativos e da margem de sombra que cerca o saber e o domínio das técnicas. Mas, por outro lado, toda prática e toda pesquisa científicas podem ser compreendidas a partir de certa situação de *necessidade*, no sentido econômico, social e histórico do termo, enquanto a pesquisa e a prática psicológicas não podem se compreender senão a partir das *contradições* nas quais se encontra tomado o homem, ele mesmo e enquanto tal. Se a patologia mental sempre foi e permanece uma das fontes da experiência psicológica, não é porque a doença libera estruturas escondidas, nem porque ela espessa ou sublinha processos normais, não é, em outras palavras, porque o homem reconhece nela mais facilmente o rosto da sua verdade, mas ao contrário porque nela ele descobre a noite dessa verdade e o elemento absoluto de sua contradição. A doença é a *verdade psicológica* da saúde, na mesma medida em que ela é a *contradição humana*.

Tomemos, para ser mais precisos, o exemplo do "escândalo" freudiano: a redução da existência humana ao determinismo do *homo natura*, a projeção de todo o espaço dos relacionamentos sociais e afetivos sobre o plano das pulsões libidinais, o deciframento da

experiência em termos de mecânica e de dinâmica são muito reveladores da essência de toda pesquisa psicológica. O efeito de escândalo não se produziu senão na maneira pela qual essa redução era operada; pela primeira vez na história da psicologia, a negatividade da natureza não se referia à positividade da consciência humana, mas esta era denunciada como o negativo da positividade natural. O escândalo não reside no fato de que o amor seja de natureza ou origem sexual, o que já se disse bem antes de Freud, mas no fato que, através da psicanálise, o amor, as relações sociais e as formas de parentesco inter-humanas aparecem como o elemento negativo da sexualidade na medida em que ela é a positividade natural do homem. Essa inversão na qual a natureza, como negação da verdade do homem, torna-se por e pela psicologia o solo mesmo de sua positividade, onde o homem em sua existência concreta torna-se por sua vez a negação, essa inversão operada pela primeira vez de maneira explícita por Freud tornou-se agora a condição de possibilidade de toda pesquisa psicológica. Tomar a negatividade do homem por sua natureza positiva, a experiência da sua contradição para o desvelamento de sua verdade mais simples, a mais imediata e mais homogênea, é, desde Freud, o projeto, pelo menos silencioso, de toda psicologia. A importância do freudismo não consiste na descoberta da sexualidade senão de maneira derivada e secundária; ela reside, de maneira fundamental, na constituição dessa positividade, no sentido que acabamos de dizer. Nessa medida, qualquer pesquisa de psicologia positiva é freudiana, mesmo quando ela está mais afastada dos temas psicanalíticos, mesmo quando é uma determinação fatorial das aptidões.

Portanto, compreende-se porque a reivindicação de uma positividade pertence às escolhas originárias da psicologia; ela não se inscreve naturalmente no desenvolvimento espontâneo da ciência, da pesquisa e da técnica. A opção de positividade é necessariamente preliminar, como condição de possibilidade de uma verdadeira psicologia que seja ao mesmo tempo uma psicologia verdadeira. Mas dado que a psicologia é a reivindicação de uma positividade do homem no mesmo nível em que ele faz uma experiência de sua negatividade, a psicologia não pode ser senão o inverso negativo e mitológico de uma prática real de um lado, e, de outro, a imagem invertida onde se revela e se esconde ao mesmo tempo um saber efetivo. Chegamos a essa idéia de que a pesquisa psicológica constitui toda a essência da psicologia, na medida em que assume e realiza todas as suas pretensões positivas; mas ela não pode se efetuar como pesquisa senão invertendo um saber, ou a possibilidade de um saber, que ela pretende desmistificar enquanto esquece, desse saber mesmo, a exigência absoluta; ela não pode se

desenvolver como pesquisa científica senão quando se torna a mitologia de uma prática que não se exerce. Como essência realizada da psicologia, a pesquisa é sua única forma de existência e próprio movimento de sua supressão.

A pesquisa é desse modo, para a psicologia, tanto sua razão de ser quanto sua razão de não ser. Num triplo sentido, ela constitui o momento "crítico": ela traz à tona seu *a priori* conceitual e histórico, delimita as condições nas quais a psicologia pode encontrar ou sobrepujar suas formas de estabilidade e finalmente ela detém o julgamento e a decisão sobre suas possibilidades de existência. As dificuldades contemporâneas da pesquisa psicológica não se inscrevem numa crise de juventude; elas descrevem e denunciam uma crise de existência.

Desde que se considera há tempos que a psicologia é uma ciência "jovem", ela já teve tempo suficiente para adquirir um pouco de idade. Não se pode mais atribuir à cronologia as razões do imortal infantilismo de uma psicologia que é apenas menos velha do que a química ou a embriologia. A história das ciências a proíbe de desculpar sua idade mental com base em sua idade real. Vejo bem que a indulgência senil dos psicólogos em estado de infância compraz-se e consente que a juventude se passe. Mas eis que o tempo de sua juventude passou sem que a juventude jamais tenha passado. A desgraça da psicologia não consiste nessa juventude, mas no fato dela jamais ter encontrado o estilo ou o rosto da sua juventude. Suas preocupações são seculares, mas sua consciência é cada dia mais infantil; ela não é jovem senão de uma juventude sem manhã. É por isso que o aparecimento da pesquisa no domínio da psicologia não figura somente uma crise de maturidade.

Um acontecimento se produziu, com efeito, em todos os domínios do conhecimento que derivou a ciência contemporânea para novos horizontes: o conhecimento cessou de se desdobrar no único elemento do saber para se tornar pesquisa; em outras palavras, ele se destacou da esfera do pensamento, onde encontrava a sua pátria ideal, para tomar consciência de si mesmo como progressão no interior de um mundo real e histórico, onde se totalizam técnicas, métodos, operações e máquinas. A ciência não é mais um caminho de acesso ao enigma do mundo, mas o devir de um mundo que não faz mais agora senão uma só e mesma coisa com a técnica realizada. Cessando de ser apenas saber para tornar-se pesquisa, a ciência

desaparece como memória para tornar-se história; ela não é mais um pensamento, mas uma prática; não mais um ciclo fechado de conhecimentos, mas, para o conhecimento, um caminho que se abre lá mesmo onde ele se fecha.

Essa passagem da *enciclopédia* à *pesquisa* constitui sem dúvida um dos acontecimentos culturais mais importantes da nossa história. Não nos cabe discutir o lugar e o papel da psicologia num saber cuja pretensão era de pleno direito, e desde sua origem, enciclopédico. O único problema que nos concerne é saber o que pode significar atualmente a psicologia como pesquisa, dado que a psicologia tornou-se inteiramente pesquisa.

Vimos como ciência e prática psicológicas se resumiam hoje em dia e se esgotavam exclusivamente no domínio da pesquisa e podemos compreender como uma psicologia que pode se escolher de saída como "experimental" ou "reflexiva" não é verdadeira senão quando é científica, positiva e objetiva; a pesquisa não é a condição de desenvolvimento da ciência e da prática psicológicas; ela forma - como pesquisa empírica, libertada de qualquer horizonte teórico, purificada de especulação, enunciada ao rastro de seus resultados experimentais - o *a priori* de sua existência e o elemento universal de seu desenvolvimento. Fazendo-se "pesquisa", a psicologia não prossegue como as outras ciências o *caminho da sua verdade*; ela se dá de imediato *as condições de existência de sua verdade*. A verdade da psicologia como ciência não conduz à pesquisa, mas é a pesquisa em si mesma que abre magicamente o céu dessa verdade. A psicologia não deve, por conseguinte, ser interrogada sobre sua verdade no nível de sua racionalidade científica, nem no nível de seus resultados práticos, mas no nível da *escolha* que ela faz ao se constituir como pesquisa.

A pesquisa tornou-se a razão de ser científica e prática da psicologia, a razão de ser social e histórica do psicólogo. Desde que se é psicólogo, se pesquisa. O quê? O que os outros pesquisadores permitirem pesquisar, porque não se pesquisa para encontrar, mas por pesquisar, por ter pesquisado, por ser pesquisador. Faz-se portanto pesquisa, pesquisa em geral, pesquisa sobre o que aparecer, sobre as neuroses do rato, a frequência estatística das vogais na versão inglesa da Bíblia, as práticas sexuais da mulher de província, em torno da *lower middle class* (classe média-baixa) exclusivamente, sobre a resistência cutânea, a pressão sanguínea e o ritmo respiratório durante a audição da *Sinfonia des Psaumes*¹⁴. Investigações de grande caminho e de

¹⁴ Obra de Stravinski, N. Do T.

pequenas travessas, investigações de saco e de corda¹⁵

E como a racionalidade, o caráter científico, enfim, a objetividade da pesquisa só se tornam confiáveis com a escolha mesma da pesquisa, as garantias efetivas de sua validade podem ser requeridas apenas por métodos e conceitos não psicológicos. Ver-se-á pesquisas inteiras embasadas sobre conceitos médicos duvidosos, mas que, para o psicólogo, são objetivos na medida mesma em que são médicos. Haverá anos de trabalho dispensado para aplicar métodos fatoriais em material experimental no qual jamais uma purificação matemática poderá conferir a validade que não possui de saída. Mesmo após análise fatorial, um dado de introspecção permanece introspectivo. Não se vê muito bem qual forma de objetividade se adquire quando se submete a tratamento fatorial um questionário aplicado a crianças de idade escolar interrogadas sobre as próprias mentiras ou as dos colegas. De resto, nos tranquilizamos pelo resultado: aprende-se que as crianças mentem, sobretudo, para evitar as punições, em seguida por se vangloriarem, etc. Isso é correto, até porque o método era bem objetivo. Mas e então? Existem esses maníacos da indiscrição que, para olhar através de uma porta envidraçada, se inclinam diante do buraco da fechadura...

Pode-se refinar de resto: seriam necessárias páginas para enumerar os trabalhos que demonstram *estatisticamente* a não-validade de um conceito médico, ou clinicamente a ineficácia dos métodos psicométricos. Atinge-se assim o fim do fim da pesquisa psicológica: uma pesquisa que demonstra para si mesma seu próprio caráter científico, pelo jogo de métodos e de conceitos que ela empresta como tais de outros domínios científicos, destruindo assim sua objetividade interna. Não há, por conseguinte, objetividade autóctone na pesquisa psicológica, mas somente modelos transpostos de objetividades vizinhas, delimitando do exterior o espaço de jogo dos mitos de uma psicologia carente de objetividade, onde o único trabalho efetivo é a destruição secreta e silenciosa dessas objetividades.

O trabalho real da pesquisa psicológica não é, por conseguinte, nem a emergência de uma objetividade, nem o fundamento ou o progresso de uma técnica, nem a constituição de uma ciência, nem a obtenção de uma forma de verdade. Seu movimento, pelo contrário, é o de uma verdade que se desfaz, de um objeto que se destrói, de uma ciência que busca apenas se desmistificar: como se o destino de uma psicologia que se escolheu positiva e reivindicou a

¹⁵ Expressão francesa equivalente a “que merece o pior suplício”, N. do T.

positividade do homem no nível das suas experiências negativas não fizesse, paradoxalmente, senão um trabalho científico inteiramente negativo. Que a pesquisa psicológica não possa manter com a possibilidade de um saber e a realidade de uma pesquisa nada mais do que relações negativas, este é o preço pago por ela pela escolha de positividade feita de partida e à qual é forçado a fazer todo psicólogo desde sua entrada no templo.

Se a pesquisa, com todos os caracteres que descrevemos, tornou-se em nossos dias a essência e a realidade de qualquer psicologia, isso não é, por conseguinte, o signo de que esta enfim atingiu sua idade científica e positiva; é, ao contrário, o sinal de que ela esqueceu a negatividade do homem, que é a sua pátria de origem, o sinal de que ela esqueceu sua vocação eternamente infernal. Se a psicologia quisesse reencontrar seu sentido ao mesmo tempo como saber, como pesquisa e como prática, deveria se despojar desse mito da positividade que ela hoje vive e morre, para reencontrar seu espaço próprio no interior das dimensões da negatividade do homem.

Esse sentido originário é ainda um dos paradoxos e uma das riquezas de Freud, por tê-lo percebido melhor que qualquer outro e ao mesmo tempo contribuído mais do que ninguém para o recobrir e esconder. *Superos si flectere nequeo, Acheronta movebo...*

A psicologia se salvará apenas por um regresso aos Infernos.